PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-reitora Maria Arminda do Nascimento Arruda

EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Diretor-presidente Sergio Miceli Pessôa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL
Presidente Rubens Ricupero
Vice-presidente Maria Angela Faggin Pereira Leite
Carlos Alberto Ferreira Martins
Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Suplentes Marta Maria Geraldes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão

Editora-assistente Carla Fernanda Fontana
Chefe Div. Editorial Cristiane Silvestrin

Geraldo José de Paiva

Psicologia da Religião

UMA INTRODUÇÃO

edusp

Copyright © 2022 by Geraldo José de Paiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Paiva, Geraldo José de
Psicologia da Religião: Uma Introdução / Geraldo José de Paiva. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

Bibliografia.
ISBN 978-65-5785-066-4

1. Psicologia religiosa. I. Título.

22-108431 CDD-200.19

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicologia da religião 200.19

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2022

Foi feito o depósito legal

Sumário

Apresentação 11
Considerações Iniciais 13

CAPÍTULO I
Psicologia da Religião: Conceito, História, Objeto e Método 17
1. Conceito 18
2. História 23
3. Objeto 29
4. Método 33

CAPÍTULO II
Psicologia da Experiência Religiosa 43
1. James e Otto na Origem da Religião como Experiência 44
2. Discussão do Conceito "Experiência Religiosa" 47
3. Classificação das Experiências Religiosas 52

CAPÍTULO III
Psicologia da Motivação Religiosa 57
1. Religião, uma "Necessidade"? 60
2. O que é Motivação no Estudo da Religião? 63
3. Variáveis Motivacionais 63

CAPÍTULO IV
Psicologia do Desenvolvimento Religioso 71
1. Modelos de Desenvolvimento da Consciência Religiosa..... 73
2. Modelos de Desenvolvimento Afetivo da Religião 76

CAPÍTULO V
Psicologia da Religião em sua Dimensão Social 83
1. Contribuição de Alfred Schutz 86
2. A Linguagem Religiosa 90
3. Natureza e Função do Símbolo 93

CAPÍTULO VI
Psicologia da Prece, do Rito e da Ética..... 99
1. A Prece 100
2. O Rito..... 104
3. A Ética 114

CAPÍTULO VII
Psicologia, Religião e Saúde 119
1. Religião e Saúde Física..... 119
2. Religião e Saúde Mental 125
3. Religião, Espiritualidade e Saúde 128

CAPÍTULO VIII
Psicologia, Religião e Culpa 137
1. Posicionamentos da Psicologia em Relação à Culpa 138
2. Culpa Psicológica e Culpa Religiosa 140
3. Culpa e Estresse..... 142
4. Culpa e Cultura 142

CAPÍTULO IX
Psicologia, Religião e Ciência..... 145
1. Religião e Epistemologia Científica 145
2. Religião e Psicologia Científica 147

3. Estudos Estadunidenses 149
4. Um Estudo no Brasil..... 150
5. Religiosos e Ciência 152

CAPÍTULO X
Psicologia, Religião e Arte..... 157
1. Substituição da Experiência Religiosa pela Experiência Estética..... 157
2. Experiência Religiosa e Experiência Estética São Equivalentes? 158
3. Uma Pesquisa Empírica no Brasil..... 163
4. O "Sagrado" na Experiência Estética 171

CAPÍTULO XI
Psicologia, Religião e Identidade..... 179
1. Identidade Psicológica, Ontem e Hoje 179
2. Pertença Grupal e Elaboração Pessoal..... 181
3. Entrevistas com Adeptos da Seicho-no-iê, da Perfect Liberty (PL) e do Budismo..... 182
4. Análise das Entrevistas com Filiadas à Seicho-no-iê e à PL 183
5. Análise das Entrevistas com Adeptos do Budismo..... 185
6. Convergência da Pertença Grupal e da Elaboração Pessoal..... 188

Considerações Finais 191

Anexos

ANEXO I
Teorias Contemporâneas da Psicologia da Religião..... 197

ANEXO II
Perder e Recuperar a Alma: Tendências Recentes na Psicologia Social da Religião Estadunidense e Europeia 229
1. Alma e Mente 229
2. Ameaça à Pessoa 231
3. Fenn e o Primado da Alma 232

4. Capps e o *Locus* Corporal da Alma 233
5. Wikström e o Centro do Ser Humano 235
6. Noerager e a Centralidade do Coração 237
7. Malony e a Capacidade de Transcendência 239
8. Discussão das Considerações e Propostas 240

ANEXO III
Processos Psicológicos de Adesão a Novas Religiões Japonesas 245
1. O Imaginário e o Simbólico 245
2. Teorias Psicossociais da Identidade 248
3. Duas "Novas Religiões" Japonesas: Seicho-no-iê e PL 250
4. A Pesquisa 252
5. As Entrevistas com a Seicho-no-iê 255
6. As Entrevistas com a PL 257
7. Análise das Entrevistas segundo o Imaginário e o Simbólico 260
8. Análise segundo as Teorias Psicossociais da Identidade 264
9. Conclusão 270

ANEXO IV
O Mal está em Nós? Em Mim? Nos Outros? Algumas Reflexões a partir da Psicologia Social 275
1. Diversos Níveis da Questão do Mal 275
2. Perspectiva Geral da Psicologia 276
3. O Enfoque da Psicologia Social 278
4. Leituras Recentes da Pesquisa Psicossocial 281
5. Complementação da Psicologia da Personalidade 282
6. Recapitulação 283

ANEXO V
O Estado e a Educação Religiosa: Observações a partir da Psicologia .. 287
1. Ensino Religioso e Condições Psicológicas 292
2. Importância das Relações Interpessoais 294
3. Nitidez na Apresentação das Informações 295
4. Inserção num Grupo de Referência mais Abrangente 297

5. Conclusão 298

ANEXO VI
Um Passo Atrás: Minha Caminhada em Psicologia da Religião 301
1. Histórico 301
2. Perspectivas..... 305

Índice Temático 311
Índice Onomástico 315

Apresentação

Ao longo dos anos fui ampliando e aprofundando pesquisa e docência em psicologia da religião, em primeiro lugar pelo pós-doutorado na área, realizado na Universidade Católica de Louvain-la-Neuve (Bélgica), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Nessa universidade, e em sua multissecular congênere flamenga, recebi profunda influência do professor Antoine Vergote, autoridade das maiores em pesquisa psicológica da religião. Em segundo lugar, tive interação frequente, ao longo dos anos, com estudiosos nacionais e internacionais, em congressos e seminários, no país e no exterior, com constante apoio da Fapesp. Dessa elaboração prolongada surgiu o presente texto, de índole destacadamente conceitual, e filiado, preferencialmente, à psicologia da religião europeia. No decorrer dos anos, com efeito, fui percebendo que tarefa importante da psicologia da religião é remover mal-entendidos. Para tanto, é essencial a clarificação dos conceitos. Pesquisas qualitativas e quantitativas devem ser realizadas quando seu objeto está conceitualmente claro. Parte do texto foi construída como material didático para um curso de graduação, parte como subsídio para disciplinas de pós-graduação, parte como tese de livre-docência e parte como colaboração em periódicos científicos da área de psicologia. Estou ciente de que nem todos os capítulos receberam um tratamento da mesma extensão. Acredito, porém, que todos estão suficientemente bem pensados e atingem aspectos importantes dos tópicos tratados. As refe-

rências são sólidas, e se distribuem pelas décadas de sua elaboração, dada a longa gestação do escrito. Acrescento, como anexos, textos meus publicados em periódicos ou livros, referentes a temas de relevância não tratados diretamente ou sem suficiente amplitude nos capítulos.

A conclusão do livro deu-se quando, já aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, passei a professor sênior. Seja, então, o livro uma colaboração para os pesquisadores e demais interessados no comportamento humano voltado para o objeto religioso.

Dedico o livro à memória do professor Antoine Vergote (1921-2013), da Universidade Católica de Louvain-la-Neuve e da Universidade de Leuven, cujos ensinamentos podem ser reencontrados nestas páginas.

Considerações Iniciais

Religião é um fato especificamente humano. Deus não tem religião. Os animais, tampouco. Daí o interesse pelo que as ciências humanas têm a dizer da religião.

Antropologia, sociologia, história e, em menor grau, política e economia, têm falado, desde seu início, dos símbolos, das instituições, das formas e das influências das religiões. Diferentemente da psicologia, voltada para o indivíduo, as relações interpessoais e o pequeno grupo, todas essas ciências encaram a religião como um fato de amplitude maior. A antropologia inclui a religião sob o conceito de cultura, sistema de símbolos que molda a autocompreensão da coletividade. A sociologia considera a religião como instituição, cimentando a unidade do coletivo ou diferenciando relações entre grandes grupos sociais. A história, mais frequentemente, enxerga a religião no interior dos grandes movimentos humanos, que transformam tempos e espaços. A política e a economia interessam-se pela religião enquanto influencia posições amplas no âmbito do governo e no sistema de produção e circulação de bens. A essas disciplinas tradicionais, acrescente-se hoje a psicologia evolucionária, ou evolutiva, que procura no protopsíquico e no pré-cultural a origem do comportamento, neste caso, do comportamento religioso[1].

1. Pascal Boyer, *Religion Explained: The Evolutionary Origins of Religious Thought*, 2001; Ilkka Pyysiäinen, *How Religion Works: Towards a New Cognitive Science of Religion*, 2003

Também a psicologia se interessou, desde cedo, pelo fato religioso. Na Europa, Wilhelm Wundt, criador do primeiro laboratório de psicologia, não incluiu a religião em seus procedimentos de laboratório, mas inspirou toda uma escola de psicologia da religião, a Escola de Dorpat, a levar ao laboratório os processos mentais superiores do indivíduo, dentre os quais os relacionados com a religião. Sigmund Freud ocupou-se, desde o início da psicanálise, com a questão da religião, antes de tudo como fator de neurose individual, mas também como elemento grandioso da cultura. Nos Estados Unidos, os líderes da nascente psicologia, como Granville Stanley Hall e William James, endereçaram grande parte de seu empenho acadêmico ao estudo da religião, como elemento da educação ou como fenômeno humano de múltipla variedade. Hoje, um pouco por toda parte no Ocidente, a psicologia da religião é uma disciplina do currículo universitário, abriga estudiosos de todas as correntes, congrega-os em associações, realiza encontros científicos, produz publicações especializadas.

É claro que não foram as ciências humanas modernas as primeiras a estudar, em profundidade, o fato religioso. A religião foi quase sempre objeto da investigação filosófica. E é o objeto perene das teologias. Ao longo dos séculos XVI e XVII, e mesmo em tempos posteriores, quando a cultura erudita misturava facilmente filosofia, física e teologia, a religião impregnava o próprio objeto das discussões dos "sábios"[2].

Nossa cultura contemporânea não é filosófica nem teológica. É, claramente, uma cultura científica e, por derivação, tecnológica. Na especificação popular do conceito pode-se, aliás, invertendo a ordem da derivação, dizê-la tecnológica e, por suposição, científica. Designando o sistema geral de referência do homem ocidental, a cultura hodierna tem na ciência um signo vasto, proteico, recebido com afeto, veneração e confiança, embora por vezes com desconfiança e temor. Mesmo a rebeldia de especialistas contra o signo deixa-o intacto no grande público. As pessoas se interessam, pois, por escutar o que a ciência tem a dizer sobre o mundo e sobre elas mesmas. É frequente

2. George M. Marsden e Bradley J. Longfield, *The Secularization of the Academy*, 1992; John Hedley Brooke, *Science and Religion: Some Historical Perspectives*, 1992; Marina Massimi e Paulo J. Carvalho Silva, *Os Olhos Veem pelo Coração: Conhecimento Psicológico das Paixões na História da Cultura Brasileira*, 2001, p. 243.

ouvir-se do impacto da psicologia no mundo contemporâneo. Diz-se, para o bem e para o mal, que a cultura de hoje está psicologizada e, para muitos, o homem atual é o "*homo psychologicus*". Com isso quer-se destacar a importância que assumiram contemporaneamente, na consciência de si do indivíduo e na identidade do grupo, os processos psicológicos e as raízes psíquicas desses processos. De certo, a expressão é apenas o enfoque privilegiado de quem se ocupa com psicologia, como o conceito "*homo oeconomicus*" o é de quem se interessa por economia, e o "*homo religiosus*" de quem se interessa pela religião[3]. De qualquer modo, existe, difusa, a expectativa de que, mediante a psicologia em geral, a psiquiatria e a psicanálise em particular, as pessoas, individualmente e em grupo, vão entender-se melhor, no que são capazes de conhecer, desejar, temer e fazer. Implícita nessa expectativa está, muitas vezes, a convicção de que nós mesmos somos a origem das múltiplas experiências de que temos consciência, conquanto essa origem possa estar no inconsciente. Dessa convicção para a suposição de que grande parte do conteúdo de nossas experiências é produto do psiquismo, é um passo. Alimenta-se, com isso, o subentendido de que a psicologia *cria* seu objeto. Esse subentendido estende-se tanto mais quanto mais remoto dos sentidos e da razão é o objeto. Quando o objeto reclama alguma transcendência, como o objeto religioso, pode haver uma secreta expectativa de que a psicologia vá colocar o objeto religioso em seu verdadeiro lugar, a psique. O humor dessa expectativa é vário: de alegria, quando houver hostilidade contra a religião; de tristeza, quando por ela houver estima.

Entendemos, ao contrário, que a ciência da psicologia encontra seu objeto, digamos o comportamento, já dado e que, além disso, esse objeto, em sua materialidade, é estudado pela filosofia e pelas ciências humanas e naturais, o que o torna extremamente complexo e lhe concede um grau de independência notável em relação a cada uma das disciplinas que dele se ocupam.

Também o comportamento religioso goza de objetividade e à psicologia incumbe investigá-lo como qualquer outro comportamento. A transcendência implicada nesse particular comportamento não pode, *a priori*,

3. Julien Ries, *O Sentido do Sagrado nas Culturas e nas Religiões*, 2008.

ser considerada puro produto do psiquismo. A essa mesma posição se chega quando a psicologia tende a reduzir o especificamente humano ao psicológico. Observe-se, de passagem, que, contrariamente ao que acontece com as reduções, essa é uma redução por eminência, na qual o estofo físico, químico e biológico é desconsiderado em benefício do nível psíquico. Há certa razão dessa redução: em qualquer manifestação vital do homem acha-se imbricada a sensação, a emoção, o desejo, o corpo e a mente. É, pois, legítimo, dizer que no homem *tudo é psicológico*, desde que se diga também que *o psicológico não é tudo.* Não há dúvida, pois, de que o comportamento religioso é todo ele psicológico, equivalendo a tendências, sensações, conhecimentos, desejos, emoções, atos e quaisquer outras modalidades do comportamento. Não obstante, não se pode dizer que o psicológico seja o todo desse comportamento.

Uma introdução à psicologia da religião deverá ser, forçosamente, limitada. Deverá conter fontes de referência fundamentais, autores, livros e periódicos, mesmo se, como em nosso caso, predominantemente estrangeiros, e tentar circunscrever em alguns tópicos, sempre sob o ponto de vista da psicologia, o imenso panorama de seu objeto.

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

edusp